

## O NEGACIONISMO COMO PRÁTICA DE FALSIFICAÇÃO DA HISTÓRIA

FELIPE ALVES PEREIRA AVILA<sup>1</sup>;  
LORENA ALMEIDA GILL<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – felipeapavila@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - lorenaalmeidagill@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Quando tratamos de temas ligados à Alemanha Nazista, temos que necessariamente dar voz a reverberação dos efeitos de sentido que produziu e ainda produz o Holocausto até a contemporaneidade. Disso resulta o embate entre gestos de análise que, muitas vezes se propõem a ressignificar, negar e falsificar, através de metodologias duvidosas, a existência de determinados fatos históricos, como é o caso da *Shoa*.

Tal vertente, que se intitula “Revisionista”, na realidade não se propõe a revisitar o passado, dispõe-se a negá-lo, e, por isso, o trabalho chamará de “Negacionista” toda a tentativa de silenciar a história dos judeus durante o período conhecido como o *III Reich*. Dessa forma, é necessário analisar os movimentos entre as estruturas e os acontecimentos, os ditos e os elementos que aparecem em forma de estranhamento, enfim, é conveniente examinar toda a tentativa de justificar a legitimação do negacionismo enquanto História.

A proposta é verificar a apropriação que os negacionistas fazem a respeito do Holocausto, visando se afirmar enquanto uma corrente historiográfica. Para tal, inicialmente se faz necessária uma reflexão acerca de dois grupos: os Intencionalistas e os Funcionalistas. Os primeiros creem que o assassinato em massa praticado pelos nazistas já estava programado. Já os Funcionalistas entendem que o Holocausto aconteceu naturalmente em decorrência da guerra (MILMAN, 2000). Na espécie, é oportuno levar em conta as representações de um mesmo fato, destacando-se sempre aquelas que pretendem ser a representação do real. Uma representação que se impõe enquanto verdade absoluta deve ser polemizada. Sendo assim, é pertinente elencarmos o conceito de representação para o debate referente ao uso da expressão negacionista na contemporaneidade. A linguagem que compõe esse discurso configura-se de uma forma que pretende encobrir a violência que está em seu cerne. Na defesa de suas teses, os negacionistas utilizam vários mecanismos como a apropriação semântica da língua, a reformulação de gêneros textuais, e se propõem até a (re) significarem uma metodologia, com o intuito de passarem pelo filtro da crítica e serem aceitos enquanto Historiografia legitimada.

### 2. METODOLOGIA

O trabalho parte de uma análise historiográfica tendo como foco a bibliografia da já extinta editora “Revisão”, que encontra na *web* um espaço dinâmico para a propagação de seus livros digitalizados e hospedados em sítios e *blogs*, que divulgam o material negacionista. Os materiais foram coletados mediante acesso aos locais de hospedagem. Foram pautados elementos retirados dos livros que apontam para a dúvida com relação às câmaras de gás e, conseqüentemente, ao Holocausto. Para isso, buscar-se-á em CHARTIER (1990) a reflexão necessária para compreender a representação do negacionismo em

sua tentativa de se legitimar enquanto uma historiografia aceita. É necessário também mapear e caracterizar o sujeito negacionista, aquele que se utiliza dessa corrente para julgar a História. Para isso, tem-se em HALL (2006), um aporte importante para pensar sobre esse tipo de sujeito e movimento como um sintoma de um paradigma pós-moderno. A corrente negacionista ganha força e adeptos, por estar centrada em um ambiente favorável a fragmentação e a volubilidade. Enfim, ela se define em saberes efêmeros, pois tudo nesse contexto é moldável, inclusive normas, regras e concepções. A pós-modernidade é um espaço que permite a formação de “tribos” e “clãs”. Nesse âmbito, emergem pequenas narrativas, que são fragmentos de reconfigurações das grandes narrativas.

A proposta de Hall contribui para compreensão desse sujeito – negacionista – da pós-modernidade, que se caracteriza por essa fragmentação e descomprometimento com juízos e conceitos, apelando para a utilização de uma linguagem que estimula o ódio e a violência.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Qual motivação levaria um grupo a chegar à conclusão de que o Holocausto não existiu? Onde o negacionismo representaria um equívoco de boa fé, ou uma falsificação endereçada a uma construção ideológica que serviria a uma visão conveniente e partidária? Nesse ponto, vale como ressalva não o questionamento de como o nazismo foi possível, mas de como ele ainda é possível na representação do discurso negacionista. É bem verdade que a presente proposta não visa um embate com os negacionistas. Seu objetivo consiste em uma reflexão acerca do modo como esse grupo procura se legitimar. O trabalho atual se dirige ainda a encontrar pistas que nos remetam às causas e intenções que orientam o material e as conclusões negacionistas.

Até o presente, fez-se o levantamento bibliográfico e entrevistou-se a filha de um escritor que tinha seus livros publicados na Editora Revisão. Foram selecionadas obras de autores estrangeiros, traduzidas e publicadas pela referida editora. Foi ainda possível colher documentos de natureza jurídica, relativos a processos judiciais onde constaram alegações do advogado de defesa da editora. Houve, também, dedicação à parte escrita da dissertação.

Como resultado parcial da pesquisa, foi possível observar elementos contraditórios, falas incongruentes e perceptíveis em discursos violentos. Percebe-se que a bibliografia negacionista busca argumento de autoridade, através de uma nova óptica, através de outros mecanismos – não confiáveis – na tentativa de conduzir o leitor a aceitar argumentos que seriam representações fiéis de uma história não contada.

Também se percebeu que os negacionistas, através de uma literatura travestida de historiografia, buscam mistificar líderes políticos e manter ativa a política Nacional-Socialista. O propósito disso é explícito na sociedade: a carga altamente negativa dos crimes nazistas não permite tão facilmente a aceitação e a expansão do neonazismo no mundo. Portanto, buscar elementos, criar justificativas, montar metodologias acerca do fato, cria uma via alternativa para atingir a legitimação necessária e propagar as diretrizes negacionistas.

#### 4. CONCLUSÕES

A contribuição deste trabalho parte, inicialmente, do debate entre Roger Chartier e Stuart Hall. A oportunidade de refletir, através do conceito de representação, unida às questões de descentralização do sujeito é uma discussão que se faz necessária. Foi devido ao surgimento de um novo contexto que se tornou possível a reflexão acerca do negacionismo e sua imposição enquanto corrente historiográfica.

A partir dessa união, pode-se considerar que os mecanismos presentes na constituição da representação negacionista, que beiram a alienação, apontam um sujeito contraditório, que se filia a ideais e vertentes de pensamento que possuem o ódio e a violência em sua constituição. Através da representação, é possível compreender a apropriação do uso das formas linguísticas dissimuladoras da violência que marcam explícita ou implicitamente os materiais negacionistas, transformando o emprego de expressões e ideias, que em seu uso comum, possuem outro tipo de valor, com objetivo de defender e descriminalizar os atos cometidos pelos nazistas.

Portanto, no caminho traçado através do conceito da representação, capta-se a materialização de saberes que, não pertencendo ao espaço negacionista, interessam para sustentar seus pressupostos. Também é possível verificar a presença de elementos no discurso que podem estar a serviço do encobrimento do “real”, do assujeitamento do sujeito negacionista, no momento em que esse se propõe a ser o detentor da verdade histórica.

Através da reflexão de Hall, é possível pensar que o negacionismo histórico pode ser sintoma da necessidade de ordem subjetiva, de uma estrutura que lhes dê sustentação, e que lhes possibilite a sensação de estabilidade e unificação, visto serem, na contemporaneidade, as subjetividades fragmentadas, em função da provisoriedade e da variabilidade, que as estão constituindo.

Dar visibilidade ao negacionismo torna-se de suma importância, pois aliada à tentativa de provar a inexistência do Holocausto está a descriminalização do Nazismo. Tal proposta pode ser evidenciada no instante em que esse feito torna-se uma maneira de resgatar o fascismo como uma forma de solução política. Portanto, o discurso negacionista, além de carregar um discurso de ódio, traz problemas graves para a sociedade no instante em que pode ser meio de fortificar os partidos de extrema direita, que cada vez mais, ganham um perigoso espaço na sociedade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. O lugar do outro em um discurso de falsificação da história. A respeito de um texto que nega o genocídio dos judeus no III Reich. In: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**. Um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. Cap. 7, p. 239-256.

COURTINE, J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado ao cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DUFOUR, D. **A arte de reduzir as cabeças**. Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

HALL, Stuart. Nascimento e morte do sujeito moderno. In: Hall, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Cap. 2, p. 23-47.

LEBRUN, J.P. **O futuro do ódio**. Porto Alegre: CMC, 2008.

MILMAN, L (org). **Ensaio sobre o Antissemitismo Contemporâneo**: dois mitos e duas críticas aos tribunais. Porto Alegre: Meridional, 2004.

\_\_\_\_\_. Negacionismo: gênese e desenvolvimento do genocídio conceitual. In: VIZENTINI, Paulo F. (org). **Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto Alegre: EdiUFRGS, 2000. Cap. 2, p. 115-154.